

EN CON TROS

25

FESTIVAL
DE CINEMA
DE VIANA

www.encontrosdecinema.pt

14^a

Conferência Internacional de cinema

Escola Superior de Educação de Viana do Castelo

tradição cultural proposta por seu intelectual feiticeiro, tornando-os artistas com suas vozes, cantos e encantos. Assim, o documentário “Batuque:(en)cantos de luta” e sua equipe em campo tornam-se mais um elemento agregador e participativo de uma rede de encontros para contar as histórias das músicas do batuque. Ademais, a experiência onírica de um quilombo cultural urbano grafado na teia de memórias e suas narrativas orais e visuais registradas em audiovisual e fotografia, expressam e reiteram a resistência de um patrimônio imaterial em constante luta pela reconfiguração simbólica da tessitura social juizforana.

37.

Montagem e Arquivo: para uma Psico-Arqueologia do Imaginário Contemporâneo

Sara Daniela Carvalho Novais dos Santos

ESMAD-IPP

sns@esmad.ipp.pt

sarasantosvcd@gmail.com

Sara N. Santos, realizadora e docente. É licenciada em Cinema Documental pela ESTA-IPT (2013) e Mestre em Comunicação Audiovisual pela ESMAD-IPP (2018). Os seus filmes experimentais entrecruzam temas como Memória, Arquivo e Ficção. Em 2015, venceu o prémio PrimeirOlhar nos Encontros de Cinema de Viana com o filme SABA. E em 2021, venceu o prémio melhor curta-metragem experimental estudante no Porto Femme com Just Like the Films. É professora na ESMAD desde 2023.

Palavras-chave

imagem, montagem, história, cinema, archiveology

Resumo

As imagens no espaço e no tecido performativo da sociedade não são neutras nem uniformes. Elas contêm ideologias, conteúdos antropológicos e narrativas várias. Posto isto, a crise da História e a abundante representação visual da nossa civilização espoletam questões sociais, políticas, filosóficas e poéticas sobre a condição da imagem na arte e na cultura contemporânea. Este trabalho debruça-se sobre a emergência do paradigma da montagem em processos de investigação e de criação artística que visam o conhecimento dos modos contemporâneos de ver e de pensar. Partindo da interceção entre o Conceito de História de Walter Benjamin (Löwy 2005) e a teoria da montagem de Sergei Eisenstein (Ivánov 2009), é feita uma análise de obras cinematográficas que arrancam imagens (fixas ou em movimento) dos seus contextos originais – através da colagem, da repetição, da fragmentação e da justaposição – e que constroem um pensar moldado por forças em constante tensão. “Archiveology is a mode of film practice that draws on archival material to produce knowledge about how history has been represented” (Russel 2018).

38.

Construção da Identidade através do Retrato Multidimensional

Alexandre Ferreira

ESMAD / PPorto

alexandre.ferreira0184@gmail.com

Alexandre Ferreira (2001, Guimarães). Licenciado em Artes Plásticas e Tecnologias Artísticas pela Escola Superior de Educação do IPVC e frequenta atualmente o Mestrado em Cinema e Fotografia pela Escola Superior de Media Artes e Design do IPP. Acredita na prática fotografia enquanto uma linguagem para catalisar mudanças sociais e ideológicas. A fotografia deve promover o pensamento crítico e desafiar preconceitos, incentivando a autorreflexão individual e coletiva. Sociedades justas são construídas através da preservação da memória e da história, e de uma comunicação visual que respeite a dignidade humana.

Olivia Marques da Silva

ID+|ESMAD/P. Porto

oliviamarquessilva@esmad.ipp.pt

Doutorada em Fotografia pela Faculdade de Arte e Design da Universidade de Derby, Reino Unido em 2000. Bolseira do Serviço de Belas Artes da Fundação Calouste Gulbenkian e Centro Português de Fotografia, entre 1998 e 2000. Desde 1992, docente do Instituto Politécnico do Porto (IPP), onde coordena, presentemente, no Campus 2 de Vila do Conde, na qualidade de Presidente da Escola Superior de Media Artes e Design (ESMAD). membro do Conselho Geral do P.Porto, membro do Conselho de Gestão do P.Porto, membro do Conselho de Coordenação do Centro de Cultura do P.Porto. Colaboradora nas Equipas de Análise das Propostas de Novos Cursos de Fotografia da A3es desde 2014. É autora e coautora de obras de investigação sobre representação fotográfica e identidade social e cultural. Pertence à Comissão Científica dos Cadernos IRI e Scientific Board da Sophia Journal, Editora e Autora Associada da Scopio. Participa com regularidade em várias conferências nacionais e internacionais na qualidade de palestrante (em 2023 : <https://ceau.arq.up.pt/Elia/> Évora - <https://elia-artschools.org/> OR Universidade de Santiago de Compostela - <https://estudiosaudiovisuais.org/fx-ollos-para-ver/>). Em 2019 inicia um Projeto Fotográfico em S.Luis do Maranhão, Brasil no âmbito da parceria de investigação do consórcio IPP/ESMAD/Unimad e IFMA/NUPPI com incidência na prática artística fotografia documental contemporânea e Programa de Travessias Visuais. Experiência, vivência, memória e imaginários entre Pará e Portugal. Em 2023 participa na exposição itinerante Rostos da Maré com 4 obras do projeto fotográfico com o mesmo nome. Em 2024 na Exposição Coletiva 50 anos do 25 de Abril, na Galeria do Centro de Arte de São João da Madeira , na Exposição Individual O Tempo não Existe - um retrato de Nadir Afonso, na Galeria do Auditório Municipal de Vila do Conde e Exposição Individual O Tempo não Existe - um retrato de Nadir Afonso, no Encontro de Fotografia da Covilhã, Diafragma. Olivia Marques da Silva, Ph.d., Mphil-Ph.d., MA Estudos.

Adriana Baptista

ID+|UA, ESMAD|P. Porto

mab@esmad.ipp.pt

Doutorada pela FLUL em Psicolinguística, Leitura de Texto e Imagem é, atualmente, professora na ESMAD/P. Porto de Unidades Curriculares como Teoria da Imagem, Semiótica, Imagem e Cultura Visual, Imagem e Contextos Audiovisuais nas licenciaturas de Fotografia, Multimédia, Cinema e Audiovisual e Teoria e Crítica da Fotografia no Mestrado de Cinema e Fotografia. Faz investigação em Literacia Verbal e Visual, coordenou vários projetos de Investigação e é orientadora de vários projetos nos Mestrados em Fotografia e Cinema Documental e Experimental.

Cristina Castro

CIEBA|UL, ID+|ESMAD

cristinacastro@esmad.ipp.pt

(Porto, 1974), vive e trabalha no Porto. A sua obra tem como estrutura a materialização de possibilidades da ideia de fluxo, em desenho e pintura, dando visibilidade àquilo que tendo presença é invisível. Expõe desde 1995, individual e colectivamente. É doutorada em Arte Contemporânea pelo Colégio das Artes da Universidade de Coimbra, mestre em Museologia e Património Cultural pela Faculdade de Letras U.C., e licenciada em Artes Plásticas – Pintura pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. Lecciona na Escola Superior de Media Artes e Design do Instituto Politécnico do Porto e na Universidade de Aveiro.

Palavras-chave

retrato, identidade, palimpsesto visual, coautoria identitária, multidimensional

Resumo

Partindo de premissas teóricas de Susan Sontag, John Berger e Roland Barthes, onde se discute que cada retrato é também um autorretrato do criador, ficam em foco as escolhas estéticas que refletem a sua visão do retratado e que permitem investigar a subjetividade inerente ao ato fotográfico. Neste projeto explorou-se a identidade humana enquanto uma entidade multifacetada, rejeitando a sua conceptualização como monólito estático. Inspirado nas obras de James Welling, que com a série Light Source, exemplifica a repetição como meio de revelar nuances através de variações, e John Stezaker, que na desconstrução de retratos, demonstra como a fragmentação conduz à unificação simbólica. O projeto utilizou a repetição e a fragmentação como ferramentas centrais

para desconstruir a noção unidimensional do retrato, substituindo-o por um palimpsesto visual que integra múltiplas camadas de representação onde a identidade é interpretada como um “organismo vivo”, construído pela interação dinâmica entre o Eu real, o imaginado e o projetado. Explorou-se a pluralidade identitária através da cooperação de diferentes mídias plásticas com a fotografia, onde o sujeito assume um papel ativo, interagindo com as suas próprias representações. O resultado é um diálogo visual estratificado, onde a materialidade dos suportes e a imaterialidade do Eu coexistem, desafiando a fixidez do retrato tradicional. Com estas práticas multimídia pretende definir-se a identidade como um mosaico em constante mutação, cuja compreensão exige a integração de fragmentos dispersos, articulados numa narrativa polifónica ampliando o potencial expressivo da fotografia, mas também redefinindo o sujeito como coautor do seu próprio palimpsesto identitário.

39.

Cuando la sociedad colapsa.

Trauma colectivo en el cine postapocalíptico del siglo XXI

Pablo Sanchez Lopez

Universidad Rey Juan Carlos
pablo.sanchez@urjc.es

Pablo Sánchez López (Madrid, 1983) es doctor en Comunicación Audiovisual con una tesis sobre la geopolítica de la cultura popular. Desde 2024 es profesor ayudante Doctor en el departamento de Comunicación audiovisual y Publicidad de la Universidad Rey Juan Carlos, donde ha impartido docencia en asignaturas de empresa y narración audiovisual. También ha sido profesor en distintas asignaturas relacionadas con la ficción audiovisual en el Master en Producción y Dirección de Empresas Audiovisuales en la Escuela de Artes Universitarias TAI y el Master en Gestión del Entretenimiento en la Entertainment Science School -The Core-. Ha participado en proyectos de investigación a nivel nacional e internacional incluyendo “Representación mediática de las autolesiones de los menores en los medios de comunicación y Redes”; proyecto Financiado por la Agencia Estatal de Investigación, durante el período 2021-2025 (PID2021-124550OB-I00). <https://orcid.org/0000-0003-0113-509X>

Palavras-chave

ficción pos-tapocalíptica, ciencia ficción, trauma, cine del siglo XXI

Resumo

Las películas post-apocalípticas tradicionalmente han puesto el foco en el personaje como sujeto que debe sobreponerse al trauma de sobrevivir en un entorno, por lo común, hostil. En esta comunicación queremos analizar el trauma pero no de forma individual sino social. Los efectos de lo apocalíptico, en primero lugar, siempre son sociopolíticos ya que el orden social y las distintas formas de gobierno colapsan irremediabilmente; por lo que, además de traumas personales, los personajes en estas historias tienen que lidiar con el trauma colectivo de ver cómo las estructuras creadas se derrumban o ya se presentan como restos de civilizaciones pasadas, según la distancia de la narración con el evento apocalíptico. Apoyado en un análisis fílmico, aquí se presentan un corpus de films que evidencian las distintas respuestas que la ficción da para la reconstrucción (o no) de la sociedad humana, y cómo se experimenta, por parte de los personajes, la ruptura de sus marcos cognitivos previos; haciendo hincapié en la tendencia narrativa a presentar soluciones individuales para problemas colectivos.